

A recente ativação de alertas de segurança na Suécia após a deteção de drones não identificados sobre áreas sensíveis representa muito mais do que um incidente tecnológico isolado. O episódio simboliza uma transformação profunda na natureza dos conflitos contemporâneos, marcando a passagem de guerras convencionais para formas de confronto híbrido, difuso e permanentemente ambíguo. A segurança internacional deixou de ser definida apenas por exércitos em confronto direto; passou a depender da capacidade de interpretar sinais subtis, muitas vezes invisíveis, que operam abaixo do limiar da guerra declarada.

Durante décadas, a estratégia de defesa europeia baseou-se na distinção clara entre paz e guerra. Contudo, segundo Kaldor (2026), os conflitos do século XXI dissolvem esta fronteira, criando estados intermédios onde pressão política, operações tecnológicas e demonstrações de capacidade substituem confrontos militares tradicionais. O caso sueco ilustra precisamente esta transição: drones desconhecidos não atacam, mas observam; não destroem, mas testam; não iniciam guerra, mas alteram perceções de segurança.

A relevância do episódio torna-se ainda maior quando analisada à luz da recente integração sueca na NATO. Ao abandonar décadas de neutralidade estratégica, a Suécia passou a integrar plenamente o sistema de defesa coletiva ocidental, transformando-se automaticamente num ponto sensível do equilíbrio geopolítico europeu. Buzan e Wæver (2025) explicam que a entrada de um Estado numa aliança militar redefine o seu estatuto estratégico: deixa de ser apenas ator nacional para se tornar parte de um complexo regional de segurança, onde qualquer incidente local possui implicações sistémicas.

Neste contexto, os drones assumem um papel central na nova visão dos conflitos. Diferentemente das aeronaves militares tradicionais, operam numa zona cinzenta jurídica e estratégica. Podem recolher informação, testar sistemas de defesa aérea e medir tempos de resposta sem constituírem, formalmente, um ato de guerra. Segundo Farrell e Newman (2026), esta ambiguidade constitui uma das principais características da geopolítica digital contemporânea, na qual o poder exerce-se através da exploração de interdependências tecnológicas e vulnerabilidades infraestruturais.

A Suécia tornou-se particularmente vulnerável a este tipo de pressão devido à sua localização estratégica no Mar Báltico, região que adquiriu crescente importância militar e energética. Infraestruturas críticas, portos, redes energéticas e comunicações, tornaram-se

alvos preferenciais de vigilância indireta. Nye (2025) argumenta que o poder moderno manifesta-se cada vez mais através da capacidade de influenciar percepções e criar incerteza, em vez de recorrer imediatamente à força física. Assim, o objetivo de operações ambíguas não é necessariamente causar dano imediato, mas introduzir dúvida sobre a capacidade de defesa do adversário.

A literatura recente descreve este fenómeno como *grey zone conflict*, ou conflito de zona cinzenta. Waltz (2025) já antecipava que sistemas internacionais marcados por rivalidade entre grandes potências tenderiam a gerar formas indiretas de competição, evitando confrontos diretos devido aos elevados custos associados. Os drones observados na Suécia encaixam neste padrão: representam uma ação suficientemente provocadora para gerar alerta, mas insuficiente para justificar resposta militar convencional.

Outro elemento fundamental da nova visão dos conflitos é o impacto psicológico. Allison (2025) demonstra que a percepção de vulnerabilidade pode produzir efeitos estratégicos equivalentes aos de um ataque real. Quando populações e decisores políticos percebem que o espaço aéreo pode ser penetrado por dispositivos desconhecidos, a segurança deixa de ser apenas militar e torna-se também cognitiva. O conflito desloca-se, assim, para o domínio da confiança institucional.

Além disto, a digitalização das sociedades europeias aumenta a exposição a ameaças híbridas. Sistemas energéticos, comunicações e transportes dependem de redes interligadas, criando pontos de pressão estratégica. Segundo relatórios recentes do SIPRI (2026), a segurança nacional passou a incluir proteção contra espionagem tecnológica e operações de reconhecimento remoto, refletindo uma redefinição do próprio conceito de defesa.

A resposta sueca ao incidente revela igualmente a adaptação das democracias a esta nova realidade. Em vez de mobilização militar massiva, observou-se coordenação entre forças armadas, polícia e serviços de inteligência, demonstrando que os conflitos contemporâneos exigem respostas multidimensionais. A defesa deixa de ser exclusivamente militar para se tornar integrada, envolvendo tecnologia, legislação, comunicação pública e cooperação internacional.

Importa sublinhar que tais episódios não indicam necessariamente preparação para guerra aberta. Pelo contrário, representam mecanismos de competição estratégica destinados precisamente a evitar confrontos diretos. Kaldor (2026) argumenta que os conflitos híbridos

funcionam muitas vezes como substitutos da guerra convencional, permitindo aos Estados exercer pressão sem ultrapassar limites que desencadeariam uma escalada total.

Assim, o alerta na Suécia simboliza uma mudança paradigmática: a segurança internacional entrou numa fase em que o conflito não começa com invasões, mas com observação; não com batalhas, mas com testes; não com declarações oficiais, mas com sinais ambíguos. A guerra deixa de ser um evento e transforma-se num processo contínuo de competição.

Em termos teóricos, o episódio confirma a transição para uma ordem internacional caracterizada por equilíbrio instável. Ikenberry (2026) descreve o momento atual como uma fase de adaptação a um sistema multipolar onde normas ainda não estão plenamente definidas. Neste ambiente, ações limitadas tornam-se ferramentas de posicionamento estratégico.

A nova visão dos conflitos, ilustrada pela experiência sueca, pode ser sintetizada em três dimensões centrais: invisibilidade, ambiguidade e permanência. Invisibilidade porque os atores nem sempre são identificáveis; ambiguidade porque as ações não configuram guerra formal; permanência porque a competição estratégica ocorre continuamente, mesmo em tempos de paz aparente.

Em conclusão, o episódio dos drones na Suécia não deve ser interpretado como uma ameaça isolada, mas como sinal de uma transformação estrutural da segurança global. O século XXI inaugura uma era em que a estabilidade depende menos da ausência de inimigos e mais da capacidade de gerir incerteza constante. A Suécia tornou-se, assim, um exemplo emblemático da nova realidade estratégica: um mundo onde os conflitos já não começam quando ouvimos o primeiro disparo, mas quando percebemos que alguém está silenciosamente a observar.

Referências bibliográficas

Allison, G. (2025). *Destined for war revisited: Strategic competition and crisis management*. Harvard University Press.

Buzan, B., & Wæver, O. (2025). *Regions and powers: The structure of international security*. Cambridge University Press.

Farrell, H., & Newman, A. (2026). Digital geopolitics and networked power. *International*

Affairs Review, 102(1), 45–63.

Ikenberry, G. J. (2026). *After liberal order: Power, norms and global transition*. Princeton University Press.

Kaldor, M. (2026). *New wars and global disorder in the digital age*. Polity Press.

Nye, J. S. (2025). *Soft power and alliance transformation in global politics*. Oxford University Press.

Stockholm International Peace Research Institute. (2026). *SIPRI yearbook 2026: Armaments, disarmament and international security*. SIPRI.

Waltz, K. N. (2025). *Theory of international politics revisited*. Columbia University Press.